Informativo da Sociedade Canoa de Tolda e do Baixo São Francisco

05
ANO 4
Nov/Dez
2009

A MARGEM

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

MIRANDO ALÉM DA BONITEZA

Proposta de mudança na operação das barragens pode ser a derradeira oportunidade para recuperação do rio. A reação promete ser pesada.

pag. 3

A chata «Sãobraense» é o novo cartaz

pags. 4 e 5

arte naval:

De mulungus e cedros a barquinhos para brincar e apreciar

pag. 6

pão nosso de cada dia:

Por duas gerações, o forno de Zé da Mizinda não esfria

pag. 7



«eu tava ali tranquila, tão novinha, a barriguinha topada de ova, esperando a horinha de despejar...é piracema, todos os beradeiro, sabe disso...mas passaro a rede e me levaram, mais um bando de amiga, tudo ovado também...quano me despescaro eu bem qui oiei, assim, de jeito, mode...quem sabe...me jogasse de vorta pra a água...tanto do peixinho que ia botá...vida de peixe é difícil...assim...dá futuro, não...» Peixa ovada, antes do último suspiro

É Prosa Ligeira

O ano fecha, mas a vida continua, o que significa que não podemos, infelizmente, descansar quanto ao que vem por aí. Depois daquela infeliz caravana do presidente da nação, fazendo de conta que a transposição é coisa boa, bem, tudo ainda é possível. Não vamos esquecer que temos eleições em 2010: mais uma vez, é hora de cada um de nós, aqui no Baixo São Francisco e pelo Brasil afora, pensar bem no que se quer. Desde já, observar, muito, botar o juízo para trabalhar e ver bem, com profundidade, o que se está fazendo por este lugar. As coisas estão boas? Temos o que é de direito: saúde, saneamento, educação, justiça, segurança, e tantas outras coisas tão básicas?

Sempre desejando que o A Margem chegue ao maior número possível de pessoas, estruturamos ainda mais e melhor nossa rede de pessoas responsáveis pelos pontos de distribuição. São colegas que espalham o jornal nos seus próprios povoados e também o encaminham a povoados próximos (afinal todo mundo tem família, amigos e conhecimentos nas duas margens do rio): os jornais prosseguem a viagem de canoa, de bicicleta, moto, de mão em mão, numa energia onde o fundamental é a boa vontade e a intenção de aumentar a informação de nossas comunidades. Se em seu povoado ou sua escola ainda não chegou o jornal, fale com o responsável mais próximo para que possamos resolver.

O cartaz



A cerração se alevantou, o sol saiu e lá vinha a «SãoBraense» descendo, esquentando os panos, o piloto na zinga. Isso foi em maio de 1997, em frente ao porto dos Escuriais, Nossa Sra. de Lourdes, SE. Esta chata (na época uma das cinco derradeiras do Baixo São Francisco), que ainda pertence a Zé Braúna, lá do Saco dos Medeiros, Traipu, AL, foi toda reformada recentemente, e hoje se encontra transformada em lancha. É um dos sinais da modernidade.

A capa



Fora d'água, descendo o rio, a manhã chegando acima de Pão de Açúcar, tudo calmo, uma ordem apenas aparente. Dentro d'água, no cascalho da boca do riacho do Mato da Onça, a outra realidade, bonita, é fato, porém dura: um rio pelado, pouca coisa viva. Imagens: Canoa de Tolda / Rio de Baixo.



FARÓIS



A SITUAÇÃO QUE SE VÊ NA FOZ DO SÃO FRANCISCO a cada dia, nos faz lamentar como o poder público entende e se dedica a este lugar. O que ali se vê, retrata o quadro geral no Baixo São Francisco. Num circuito breve, logo ao chegar a Penedo, vê-se, em frente à Agência Fluvial da Capitania dos Portos de Alagoas, uma **embarcação do IBAMA** claramente identificada como destinada ao tão falado **Programa de Revitalização do Rio São Francisco**, tão divulgado pelo Governo Federal. Pois o barco, que deveria estar agindo, cumprindo sua função - para isso foi adquirido, supõe-se - há anos não sai do lugar, transformando em mero flutuante, o lodo dependurado no casco, porém permanentemente guardado por seguranças: seria a preocupação da instituição com o patrimônio público, um grande exemplo. Já o patrimônio dos recursos naturais, é coisa bem em derradeiro plano, não há como não se ter tal conclusão.

Imagem: Arquivo Canoa de Tolda/Rio de Baixo



De rio abaixo, **entre Neópolis e o povoado Betume**, na margem sergipana, ao lado da recém asfaltada rodovia Neópolis - Ilha das Flores, um outro exemplo gritante: a margem do rio aniquilada, rasa, na areia, a trator. Para não ficar nada mesmo. É terraplenagem feita de modo profissional em uma **área de domínio da união** - beira de um rio federal - , e uma **ZPP - Zona de Preservação Permanente**, de mata ciliar, protegida por legislação federal. Qualquer agressão é crime ambiental, passível de penas. A área fica à beira da nova rodovia, de facílimo acesso para qualquer fiscalização, seja do IBAMA, da ADEMA, ou quem se aventurar. No entanto, o arraso foi feito, e lá está, para quem quiser ver. Não é difícil.



E chegando à foz, hoje **um dos principais atrativos para o turismo da região**, o que temos é o total **descontrole do acesso de pessoas e do uso do lugar**. Lembrando que a margem alagoana, justamente onde ocorrem as paradas dos barcos com turistas, faz parte a **APA de Piaçabuçu**. Uma APA (Área de Proteção AmbientaL) federal, estabelecida por decreto há muitos e muitos anos, e que deveria ser utilzada com o maior cuidado. É um patrimônio natural único que, uma vez destruído, e pelo que temos hoje não há que se esperar outra coisa, implicará em conseqüências irreversíveis, inclusive afetando os próprios profissionais do turismo, que deveriam ser dos mais interessados em defendê-lo com toda a garra.

Imagem: Arquivos Canoa de Tolda / Rio de Baixo



Já na outra margem, **em Sergipe, na região da Parapuca** e descendo para as barras do Sul (Costinha e das Araras), os criatórios de camarão estão indo muito bem. Dia a dia, o **manguezal perde espaço para a carcinicultura**, numa região que é o berço da vida aquática da foz deste Baixo São Francisco e que, seguindo este ritmo, em breve será apenas algo na memória de quem pode conhecê-la. Fiscalização e recuperação de áreas degradas são apenas palavras perdidas no ar. Há também uma questão, que ainda não foi seriamente discutida - para o **estabelecimento de regras e procedimentos** para atividade -, que é **o manejo da coleta de mariscos** na região do Funil. A quantidade de conchas resultantes desta coleta extrativista, impressionante, mostra a intensidade e o tempo de tal prática Os principais moluscos são os massunins, sendo os sururus e lambretas em menor quantidade..



Expediente

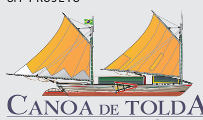
COORDENAÇÃO PROJETO JORNAL A MARGEM
Carlos Eduardo Ribeiro Junior
REDAÇÃO E REVISÃO: Carlos Eduardo Ribeiro Junior, Paulo Paes de Andrade
CONCEPÇÃO GRÁFICA: Canoa de Tolda
CORRESPONDENTES: Antonio Felix Neto
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Revista Manuelzão
APOIO DE SEDE: Daiane Fausto dos Santos
LOGÍSTICA/DISTRIBUIÇÃO: Daiane Fausto dos Santos
PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO/RESPONSÁVEIS:
Piranhas - Fagna (82)36863145
Povoado Entremontes - Da. Cecília e Aldinho (82) 36866022
Povoado Cajueiro - Vandefátima (79) 88145203 e 88179217
Povoado Mato da Onça - Alciane (82) 91496273 e 96344917
Povoado Bonsucesso - Quitéria (82) 33381012
Povoado Ilha do Ferro - Toinho (82) 3624 8005 e 3624 8006
Pão de Açúcar - Gal (82) 99574221
Povoado Niterói - Jackson (82) 96236314
Comunidade Indígena Xocó da Ilha de São Pedro - Naná (82) 96051036
Vila Limoeiro - S. Chico Marceneiro
Belomonte - S. Oliveira Canoeiro
Povoado Barra do Ipanema - Isabel e Cheila
Povoado Cazuqui - Denise Farias de Medeiros (79) 99715596
Gararu - Marta Maria e Beda da Tabanga
Traipu - Jackson do Museu)
Povoado Escuriais - Maguinho da Sucam (79) 3316 5009
Povoado Munguengue - Joelma de Marilene (82) 35361737/36
Povoado Tibiri - Da. Maria (82) 35556023
Povoado da Saúde - S. Evaldo da Associação de Pescadores
Povoado Penedinho - Petrucio do Pitu (82) 91315186
Ilha das Flores - João Pintor (79) 3337 1230
Povoado Potengy - Ana de Tonho do Cabeço
Povoado Saramem - Adriano Corcel
Povoado Cabeço - Dinha da Cocada e Doca (82)9101 7990

IMPRESSÃO: Inforgraph - Gráfica e Editora
TIRAGEM: 3.500 exemplares



Material impresso com papel 100% Reciclado

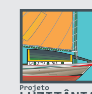
UM PROJETO



APOIO CULTURAL IMAGENS/REPORTAGENS



APOIO CULTURAL EMBARCAÇÕES/NAVEGAÇÕES



APOIO CULTURAL NA IMPRESSÃO



APOIO LOGÍSTICO NA DISTRIBUIÇÃO



5a. SR/AL

Canoa de Tolda - Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco
CNPJ 02.597.836/0001-40
Sede - R. Jackson Figueiredo, 09 - Mercado - 49995-000 Brejo Grande SE
Tel/Fax (79) 3366 1246

Alagoas - R. Mestre Francelino, 255 - Centro - 57210-000 Piaçabuçu AL
Tel (82) 3552 1570
End. eletrônico **canoadetolda@canoadetolda.org.br** e **ygara@ygara.arq.br**
Internet **www.canoadetolda.org.br**

O rio virou um fiapo d'água: ainda há tempo de mudar...

Com a geração de energia priorizada, o São Francisco tem seu ciclo natural invertido. É um desastre.

Texto base: artigo de
GABRIELLA HAUBER e STÉPHANIE BOLLMAN / REVISTA MANUELZÃO - Dezembro 2009

Adaptação e textos Complementares
CANOA DE TOLDA

Tá... Se o conceito de vazão ecológica fosse consenso. É nada. Tem gente que usa o termo achando que é uma coisa, gente que chama outra coisa achando que é o termo, confundindo vazão ecológica com outros tipos de vazão, como mínima, máxima, alocável. Pronto: **vazão ecológica** é a quantidade de água (com suas variações nos momentos semelhantes ao ciclo natural) que um rio precisa para garantir a vida aquática, do ecossistema ao seu redor e de todos que dele dependem. Pois, qual é a quantidade de água necessária para isso? E em que épocas devemos ter mais ou menos água e com que intensidade? Como calcular tudo isso? São perguntas que mostram o dilema da vazão ecológica, sobretudo pela novidade do termo, da década de 1990. Outro ponto, é que não há uma lei que exija o estabelecimento de uma vazão ecológica. É uma decisão dos **comitês de bacia hidrográfica**, de levar em conta ou não esta idéia em seu **Plano Diretor**, o que é raro no Brasil: praticamente só o Comitê do São Francisco trata deste assunto. Em setembro passado, durante o seminário «Metodologias para Definição de Vazão Ambiental», em Salvador, foram discutidas maneiras para se estabelecer a **vazão ambiental** - mais uma denominação!- do São Francisco, e uma proposta preliminar foi apresentada pelo grupo de estudos Ecovazões (composto por pesquisadores de várias universidades, com participação de pessoas da comunidade do Baixo São Francisco e pesquisadores estrangeiros). Mas, ainda há muito o que se discutir.

QUAL VAZÃO?

De acordo com o professor Bruno Versiani, do Departamento de Engenharia Hidráulica e de Recursos Hídricos da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais , a existência de tantos conceitos pode estar ligada ao fato das muitas formas de cálculo. A **vazão mínima**, por exemplo, seria a quantidade mínima de água para manter o rio vivo. É calculada para um período de sete dias corridos, com o menor volume de água conhecido em dez anos. Mas, é uma vazão muito baixa, não é a vazão normal do rio, isto deve ficar claro. Uma vazão assim pode manter «existindo» todos os usos da água, mas para manter o ecossistema, há problemas. É quando aparece a **vazão ecológica**, que tenta conciliar os usos diversos da água, com a sobrevivência de plantas, peixes e todos os animais que vivem no e do rio. Esta vazão varia em lugares diferentes do rio, e em diversas épocas do ano. Uma coisa perto do ciclo natural. Na época de chuvas, a vazão precisa ser maior (as tão lembradas cheias) para garantir a reprodução dos peixes nas lagoas marginais. Já na estiagem, a carreira d'água diminui. Para Fabrini Pires, analista ambiental do IGAM - Instituto Mineiro de Gestão das Águas, «não tem método que define a vazão ecológica ideal: cada curso d'água tem uma espécie aquática, um equilíbrio, que deve ser mantido de forma diferente».

Mais uma palavrona: **vazão alocável**, que é a quantidade de água que se pode retirar de um rio sem ultrapassar o valor definido - seja pela vazão ecológica, seja pela vazão mínima - ou o rio entra em colapso (veja o quadro). Um exemplo: se a vazão de um rio é, normalmente, de 1500 m3/s (mil e quinhentos metros cúbicos por segundo) e foi estipulado que sua vazão ecológica seja de 1100 m3/s, então a vazão alocável é a «sobra», ou seja, 400 m3/s. É o máximo de água que se pode tirar para irrigação, mineração, usos gerais, incluindo a geração de energia.

UM CAMINHO POSSÍVEL

A proposta de vazão ambiental pode ser um verdadeiro - e muito esperado - instrumento de gestão das águas do São Francisco. Pois, se for determinada a quantidade de água que, obrigatoriamente, deve chegar até a foz, todos os usos e **outorgas** têm que ser muito bem pensados (e fiscalizados com o máximo rigor) para não ultrapassarem este valor. Como todos sabem, as águas do São Francisco são utilizadas para uma ruma de coisas: abastecimento humano, irrigação, dessedentação animal, mineração, indústria, navegação e produção de energia elétrica. Tudo deve ser levado em conta, as prioridades estabelecidas (e aqui vai a questão do modelo de vida que se quer e o que se pode ter...), e acordos são estabelecidos.

Fica muito claro que a demanda, a necessidade, tem que obedecer à oferta de água, que é muito limitada. Não adianta espernear: não há milagres. Não tem água suficiente para tal projeto? Então há que mudá-lo para outro lugar, até mesmo esquecê-lo ou ainda, mais importante, mudar a nossa forma de viver, entendendo que, o modelo de vida hoje existente tira da prateleira da natureza tudo o que ela oferece: raramente há reposição e, ainda assim, de forma insuficiente ou inadequada. A coisa é séria.

O que mais complica, todos aqui sabem, é a quantidade de hidrelétricas espalhadas por todo o São Francisco: com os «pilotos dos destinos» do rio (ver A Margem - no. 01), controlando a vazão, o volume d'água. O resultado está aí: em tempo de cheias o rio está seco - pois a água é segura para encher as barragens - e em tempo de rio seco, há uma *aguinha* a mais - as águas das barragens são liberadas para dar espaço para a época de chuvas. Tudo trocado, piorando a situação a cada dia, mais e mais rapidamente.

Chegamos ao caroço da questão: mexer com a vazão ecológica, ambiental, é topar com os interesses das hidrelétricas que, por sua vez, atendem a interesses de um projeto de desenvolvimento para o país que vê o rio e suas águas apenas como «recursos hídricos», combustível para mover turbinas para gerar a energia «demandada» por indústrias, cidades, que não param de crescer, sem planejamento, e por aí vai. «Falar em vazão ambiental é considerado - pelo povo das hidrelétricas - delírio, coisa de ecologista», conta Thomaz da Matta Machado, presidente do Comitê da Bacia do São Francisco, lembrando que a vazão mínima (ver quadro) é provisória e que já há uma proposta de vazão ambiental a ser apresentada, inicialmente só para a foz. «O rio morre da foz para a nascente. Se você resolve o problema da foz, resolve um pouco o problema do conjunto», continua Thomaz. Nos próximos meses a proposta de vazão ambiental será discutida com todos os que possuem direito de uso da água, como hidrelétricas, empresas de saneamento, irrigantes e a sociedade civil organizada. Será outro começo de peleja, onde teremos que lidar com interesses muito divergentes.

Não há água para a transposição



Foto: Canoa de Tolda / Rio de Baixo

No Baixo São Francisco, a operação das barragens obedece a **vazão mínima** baixo de Xingó de cerca de 1300 m3/s. Este valor, não definitivo, foi estabelecido pelo Plano Decenal da Bacia do São Francisco, realizado em 2000 pelo Comitê da Bacia do São Francisco. A partir disso foi determinada uma **vazão alocável** de 360 m3/s. Porém, é bom sempre lembrar, em 2008, por uma questão de prioridade de uso para a geração de energia elétrica - a ANA - Agencia Nacional de Águas, com a licença concedida pelo IBAMA, autorizou a redução para 1100 m3/s. O rio chegou ao osso.

Mesmo levando em conta somente a vazão mínima atual, a transposição já coloca em risco a qualidade e a quantidade das águas do São Francisco. Será então que se a vazão ecológica for implantada a transposição dará conta de respeitá-la? É provável que não. O rio São Francisco não tem, hoje, água suficiente para manter a vazão ecológica, sustentar a transposição e ainda garantir os inúmeros usos atuais. «O problema da transposição, é que não tem água para ela», afirma Thomaz da Matta Machado. Segundo ele, se for mantida a vazão ambiental, garantir a barragem de Sobradinho cheia e a irrigação na Bahia, por exemplo, na hora de distribuir a água não irá sobrar para a transposição. Thomaz acredita que é uma questão de escolha: ou um ou outro. Há, ainda, a possibilidade de se tomar o caminho da revitalização, incorporando a vazão ecológica, inclusive no regime das barragens, e evitar as obras da transposição. Ou o caminho contrário, insistentemente defendido pelo governo federal, que pode levar a morte do São Francisco, como aconteceu com o rio Amarelo, na China, e tantos outros que foram secando, secando, até não chegar mais na foz. Perspectivas muito preocupantes.

Foto: Arquivo Carlos Eduardo Ribeiro/Canoa de Tolda

Em pleno sertão,
«marés» provocadas pela operação das barragens transtornam a vida
das pessoas e degradam o meio ambiente: «é preciso atender ao consumo de energia...»



"São Braense"
chata de 50 sacos

Os barcos são miúdos, a paixão, é muito grande

Na praia, como no sertão, o envolvimento com a arte naval resiste, ainda, ao tempo da ligeireza

Quem anda pela margem do Baixo São Francisco, conhece, já viu: pequenas canoas, chatas, lanchas de passageiros, botes e taparicas decorando salas, estantes de bodegas e farmácias, padarias, fábricas de arroz. A força da tradição naval, do prazer em observar e admirar embarcações, mesmo sem o movimento das carreiras do rio, ainda é grande, como que derradeiro sentido voltado para o passado das grandes canoas e vapores.

A sala da casa do Bubi, em Piaçabuçu também demonstra isso: pequenos botes, feitos com paciência, do mesmo jeitinho dos barcos grandes, de pesca e de corrida, ali estão, na parede da sala, junto com remos, vergas e mastros de barcos de pesca do pai. O falar calmo já mostra a paciência e o carinho necessário, além do dom, da habilidade, para transformar a madeira em modelos de barcos bonitos, respeitados. Barcos de brincadeira, barcos de olhar e achar bonito, para dar prazer em ver. Assim é uma parte do mundo do Bubi, o Jackson Santos Cruz. «Eu prefiro que coloque o vulgo, como sou mais conhecido».

Filho de mestre carpinteiro naval, no meio de uma família de gente vivida na construção de embarcações, « nasci e fui criado aqui em Piaçabuçu, estou com 20 anos e acho que vou morrer aqui, é o meu lugar. Gosto dessa arte, de fazer os barcos. Mas, é algo que não tem valor, por isso hoje trabalho como informante em turismo, guiando os turistas que chegam para conhecer a foz. Se a arte tivesse valor, condições de trabalho, eu me empenharia. Se eu deixar outro emprego, não teria condições, senão eu toparia...». Os barcos estão ali, arrumados sobre um jirau debaixo da área. São cascos cavados, passo a passo, no mulungu ou no cedro. «antigamente era mais fácil arrumar o cedro, hoje já é muito difícil, e o mulungu, muitas vezes, depois do barco já praticamente pronto, ele pega jeito, deixando o barco torto, de banda, fica feio, tirando o valor do trabalho. Isso me lembra uma canoa cavada no mulungu, a «Lembrança de Piaçabuçu» que tem 1,36 m de comprimento, por catorze centímetros, está em Santos, muito bonita, que não pegou jeito. Hoje, mesmo o mulungu é difícil de se conseguir. Então, tem de trabalhar com o que tem, com o que aparece, na verdade, o barco é feito de acordo com o pau que se consegue».

Mas a história da arte do Bubi tinha de ter um começo: «vendo, por ironia, meu primo, o Guefe, filho de meu tio Mestre Lula, que já fazia os barquinhos antes de mim. Eu tinha uns sete anos, o Guefe uns onze ou doze, sendo que ele já seguia a tradição de meu tio Lula, que era quem fazia os melhores e mais bonitos barquinhos aqui. Tanto é que meu pai, também mestre, não fazia, pois se rendia ao meu tio Lula, para mim o mestre dos mestres. E o meu primeiro barco, eu me lembro como hoje, feito com um pau de cortiça, sem espalhamar, sem curva de popa, parecia um espeto, mas fui muito incentivado pelo Guefe. Já a minha primeira canoa, meu pai me observou e me elogiou - essa canoa se chamava Michele. Ela abriu a porta, era uma canoa de brincar em croa, já não existe mais, e meu pai disse: o Bubi fez uma canoa tipo a do mestre (Lula). Foi um elogio muito grande, e até mesmo o meu tio também elogiou, dizendo «*ói, outro - ele gostava de chamar meu pai, irmão dele, de outro - tá parecendo com as que eu fazia quando era pequeno*». Eu tinha muito zelo pela popa, e depois melhorei a proa. Já a primeira canoa que eu cavei foi a Jaíne, e está hoje em Teotônio Vilela, eu dei de presente. Pois sempre me perguntam o preço. E minha resposta foi sempre: não tem preço. O valor ninguém ia dar, é sentimental.» Dá para entender muito bem a colocação: não é para menos que em Piaçabuçu, hoje, além dele há poucos, como o Guefe e S. Ailton, que ainda dedicam um pouco de seu tempo a esta arte, que passa a ficar em segundo plano de tantas outras atividades: tem que se colocar o sustento em casa e, da arte, não dá, não.

Nas mãos do Bubi está um casco ainda cru, sem pintura, mas tão bonito quanto um pronto, pois pode-se apreciar os detalhes do trabalho, por onde a faca passou, o acabamento. «Tem de ter golpe de vista para fazer isso. Tem uns amigos de meu pai que gostam de minha paciência...não é *bou*, *bou*, *bou* no pau...Quando surge a madeira tenho que me esforçar, pois não é toda a madeira que serve. A «Cigana» mesmo, foi feita com dois paus - tive que colar um no outro . Você que faz, tem a visão de uma canoa pronta...eu não faço desenho nenhum, ela vai fluindo...ói, a coisa que gosto de fazer...tomando café, boto duas cadeiras...boto a canoa apoiada e fico olhando: o bico tá curto, a popa...boto lá e fico olhando...comparando com as outras...sentindo, para ter uma visão...eu gosto disso...»

Foto: Carlos Eduardo Ribeiro Jr. / Canoa de Tolda

Não é brincadeira de menino, não...

Quando a maré dá seca pela manhã e o vento está mais brando, em geral no inverno, lá vai a rapaziada de rio abaixo, já perto da praia, brincar na croa da ilha da Criminosa, levando suas canoinhas. É chegar e preparar, da melhor forma possível as canoas: mastreação, o facão de cabiar, o leme, ajustar, esperar uma refrega e botar a pareia. Mesmo os mais velhos gostam da brincadeira e, na hora de correr acompanhado as canoinhas, todo mundo vira menino, pais, filhos, amigos, parentes, berrando, incentivando, mangando quando um cai, a canoinha vira, se embola com o vento ou a maroada. Muitas vezes uma discussão medonha, mode os motivos de um barco ser mais rápido ou menos do que o outro: todo mundo quer ser o mais ligeiro. Mas, é tudo brincadeira, o que importa é, na verdade, a visão dos paninhos, quase que voando baixo, ligeiros, espalhando as águas do rio. A maré vem subindo e, com ela, a hora de todos, juntos, voltarem para casa. Um dia bom.



Foto: Carlos Eduardo Ribeiro Jr. / Canoa de Tolda

Foto: Carlos Eduardo Ribeiro Jr./Mar 08 - Região de Piaçabuçu, AL

“*Mas, menino, eu agora que plantei uma rocinha na várzea, logo no São José, tirá um milhinho no São João, e o rio tá subino...tá tudo mudado...agora é tempo de rio sêco, de água já voltada...a roça bonita, uma lindeza, e vou perder tudo....*” **esse discurso, entre o revoltado, incrível e conformado é o que se ouve dos últimos resistentes que plantam pelo regime (já tão deixado, longe) das vazantes. Um sistema natural hoje eliminado, dominado, pelos já falados “pilotos dos destinos do rio” (*ver A Margem Mar/Abr 09*).**

Mais uma vez, no mês de maio último, por se encontrarem cheios os reservatórios de Sobradinho (atingiu a cota dos 100%) e Itaparica (chegou a mais de 99%), decidiu a CHESF por aumentar as vazões

ser o primeiro a se manifestar, os órgãos ambientais de Sergipe e Alagoas e as prefeituras municipais do Baixo São Francisco, não vieram a público para,

saldo negativo incalculável (contra os ribeirinhos), que o Governo Federal e os “pilotos” insistem em ignorar.

Acompanhe as vazões do São Francisco em www.canoadetolda.org.br

De Zé da Mizinda, a Gilvan e Goló: amassando o pão

Todos os dias, amassando na mão e fazendo um dos pães mais tradicionais do Baixo São Francisco

Fotos: Carlos Eduardo Ribeiro Jr. / Canoa de Tolda

Chega a boca da noite, e o povo já está ali, espremido no balcão da Padaria São José, em Piaçabuçu, esperando o pãozinho quente que está para sair. A TV ligada no armário, nos fundos, ajuda o povo de cá a ir matando o tempo. O povo de lá, o da novela, que não para de comer - aquele copão de suco de laranja - e falar da vida alheia. Mas, pão deste aqui, na tevê, não aparece nunca. É pão batido na mão, sem química nenhuma «este pão aqui nunca levou produto: é farinha, água, sal, açúcar e fermento», deixa logo claro Goló , que junto com seu irmão mais velho, Gilvan, tocam a padaria que o finado Zé da Mizinda, o pai, começou há mais de quarenta anos para trás. Hoje, tanto o Gilvan (da Silva), que está com quarenta e dois anos, como o Goló («rapaz, meu nome é José Costa da Silva, mas se falar por aí ninguém me conhece pelo nome, não...»), que está com trinta e sete, mantêm esta profissão, uma das mais antigas do mundo, em sua forma mais tradicional.

A gente viu e garante. Não leva nada mesmo, mas a receita do pão, *cascudozinho*, a massa fiche, bem moreno, é segredo dos dois. «tem gente que só gosta do pouco assado, mais pubo, mas é assim mesmo», diz Gilvan, «tem de fazer para todos os gostos...»

«Quando eu morrer, não deixe ir abaixo, é o pão de cada dia, isso aqui, e o povo tem o *ôio* grande...» dizia o finado Zé da Mizinda para os filhos, já tendo começado esta arte de fazer pão com o sogro. Os meninos, Gilvan e Goló, começaram cedo, meninos mesmo, e estão até hoje, mantendo o forno aceso, praticamente sem esfriar nunca, por esse tempo todo. «Já aconteceu, muito pouco, de por um problema ou outro ele ficar sem lenha, e para o forno não esfriar é sacudir açúcar no fogo...dá uma temperatura danada, uma cor no pão da pêga», Goló explica. É forno antigo, feito ainda por mestres de forno que hoje são difíceis de encontrar, que têm o conhecimento da forma certa para levar o calor para a pedra e assar tudo por igual. Não é coisa para qualquer um, é arte dos antigos, coisa demorosa, tem ciência.

Enquanto o povo está lá fora esperando, Gilvan que em geral toma conta da fornada, vai tirando com a espátula comprida e estreita a fieira dos pães assados, bonitos, e jogando no cesto. Sua filha mais nova, Jamile, que está com treze anos, fica no vai e vem entre o balcão e a boca do forno, levando as mochilas para os fregueses. No radiozinho na parede, dependurado num prego, cheio de farinha, rolando uma musiquinha. «Eu gosto é de um programa de madrugada, que fala da língua portuguesa, é lá de Aracaju, eu acho bonito, ensina a gente a falar certo...a mulher do programa diz que a gente tem uma lingua tão bonita, e o povo não sabe falar...aí, na madrugada, o programa vai ensinando e ajudando a passar o tempo...não deixa o sono bater, que o rojão começa às quatro da manhã para o povo ter pão às seis...», é Gilvan quem diz.


Goló, a mão na massa...




Gilvan, arrumando...

É verdade. O dia ali começa às três e meia da manhã. É a hora de preparar a mistura dentro do misturador da massa, uma espécie de tanque azulejado. Esse rojão quem toca é o Goló. Pega o saco de farinha, «a gente faz questão de trabalhar com farinha boa, mesmo que seja mais cara, para o pão ficar bonito...quando muda de farinha o povo reclama logo...é prejuízo», sacode na masseira, pesa o açúcar, o sal, o fermento e debruçado mete a mão na massa e mistura tudo a seco, para depois colocar a água. É quando a massa vai ficando cada vez mais pesada, bonita. E bota farinha nas mãos e braços para não agarrar, e vai batendo, vai batendo, para depois deixar o fermento fazer sua parte: crescer a massa para abrir, bater e fazer os pães. «a gente já experimentou uma masseira elétrica mas não é a mesma coisa, a massa fica enxuta demais, o pão não fica como você conhece...é verdade que a produção é boa, mas a qualidade é outra...com a máquina o pão fica diferente...o povo reclama...tem gente de fora, em tempo de férias, de festa, turista mesmo ou gente que vem ver a família, que leva três, dez reais de pão para Aracaju, Maceió e mesmo mais longe...diz que na capital não tem pão assim mais não...que é coisa antiga...que aí por fora só tem pão com droga...que acaba com a saúde do cabra»...




assando...


Jamile, ajudando...


e vendendo...

Lá pelas cinco e pouco chega a hora de arrumar a massa, dar forma aos pães - Goló está cochilando sentado, e leva uma futucada do Gilvan. Dentro da masseira a massa está inchada, fermentada, pronta para ser cortada. Num rojão ligeiro, parece até ensaiado, Goló vai cortando e jogando em cima das mesas, e Gilvan vai preparando as bolas já no tamanho certo dos pães. Depois, um e outro, enrolando e arrumando no tecido de algodão, em cima dos tabuleiros, a última descansada antes de entrar no forno. Com toda a massa já transformada nos pães, o fogo, preparado de hoje e que a esta hora é só braseiro, está no ponto para assar a fornada. Com prática, muita, e rapidez, Gilvan arruma a fieira de pães na espátula, dá o corte para a massa abrir e vai arrumando sobre a pedra do forno, fieira ao lado de fieira «o bicho assa rápido, é coisa de três, quatro minutos estourando...quando acaba de arrumar a derradeira fieira, é começar a puxar para fora a que foi a primeira, e assim vai, até assar cada bandeja...não pode parar não...tem de ser ligeiro ou vira um carvão...é prejuízo...»

Quando dá seis da manhã, a padaria é aberta, as pessoas começam a chegar e comprar seus pães para o café. Tem também compradores em grosso, que vão vender os pães em povoados e bairros mais afastados, onde não há padarias, como Seu Benedito, lá da Paciência.

Pelas sete, tudo foi vendido, a sala da frente é fechada. O descanso vai até as três da tarde, quando começa o rojão para a fornada do final do dia, quando se vende maior quantidade. É quando a gente volta ao início desta história, com o povo se chegando para levar o pão para o café da noite.

E, como disse o Gilvan, « quem mexe com pão não consegue mexer em outra coisa não...o rojão é puxado, a gente fica sem dormir, mas não tem jeito...parece que tá no sangue...» «é mesmo...» fecha Goló.



Agora, pense como este jornal chega até aí!

TERCEIRA PARTE

SERTÃO

Texto: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. Fotoreportagem de: DAIANE FAUSTO DOS SANTOS e VAGNER AUGUSTO LIMA Fotos de apoio: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. / CANOA DE TOLDA / RIO DE BAIXO


2o. dia - 08:05

DEPOIS DO CAFÉ NA POUSADA DE NOSSA AMIGA Da. DIONE, VEM A DISTRIBUIÇÃO EM PIRANHAS: A BIBLIOTECA MUNICIPAL E REPASSE PARA PESSOAS COLABORADORAS COMO A SIMONE.


2o. dia - 09:15

A LANCHA É CARREGADA, MAIS UMA VEZ, E PREPARADA PARA A DESCIDA.

ALI MESMO, NO PORTO, ENCONTRO COM HUGO, AMIGO LÁ DO ENTREMONTES, E O PESSOAL DO ANGICO, DE PEDRO DE OSÉAS, QUE TAMBÉM RECEBEM O JORNAL.




2o. dia - 09:55

É HORA DE CUIDAR, ABAIXAR A CABEÇA E TOCAR PARA BAIXO, APROVEITANDO A MANHÃ CALMA. HÁ MUITAS PARADAS NO CAMINHO.



PIRANHAS VAI FICANDO PARA TRÁS. MAIS ALGUMAS SEMANAS, TUDO DANDO CERTO, E ESTAMOS DE VOLTA, COM MAIS JORNAIS. É SEMPRE MUITO BOM VOLTAR AQUI.




2o. dia - 10:30

CHEGAMOS AO ENTREMONTES, POVOADO QUE AINDA TEM UM DOS PORTOS MAIS LIMPOS DE TODO O BAIXO SÃO FRANCISCO. É FATO.



NO ENTREMONTES, Da. CECÍLIA, MÃE DO ALDINHO E DA CLÉCIA, TAMBÉM CONHECIDOS DE LONGA DATA, LEVA O A MARGEM PARA O POVO DO LUGAR. UMA PROSA RÁPIDA, NOVIDADES EM DIA.


2o. dia - 11:50

DE PERTINHO, O CAJUEIRO, NO POÇO REDONDO. ALI - E FICOU NA CABEÇA - A MELHOR MOQUECA DE CARI DESTE RIO, NA CASA DE Da. SALETE E SEU ITAMAR, PAIS DE NOSSA COLABORADORA, VANDEFÁTIMA.



VANDEFÁTIMA SEMPRE A NOS RECEBER BEM, COLOCANDO EM DIA A VIDA QUE SE LEVA ALI.


2o. dia - 12:25

NO SACO, JÁ QUASE NO RIO ABERTO, SEMPRE IMPRESSIONA A DEGRADAÇÃO DA REGIÃO, MUITO PELADA. SEM O MATO NO BEIÇO, O RIO NÃO PARA DE COMER LIGEIRO TUDO O QUE TIVER, SEM VOLTA.


2o. dia - 12:55

JÁ NA MATA COMPRIDA, OS JORNAIS PASSAM PARA A MÃO DE WELINGTON DE LUCINHA.

UM ENCONTRO COM FERNANDES DE JOÃO PIDOCA, DO CURRALINHO, ATRAVESSANDO PARA O PANTALEÃO. POIS FOI DA MÃO DE FERNANDES QUE A LUZITÂNIA PASSOU PARA A CANOA DE TOLDA, AINDA EM 1999, DEPOIS DE MUITA NEGOCIAÇÃO.




2o. dia - 13:35

DE VOLTA AO MATO DA ONÇA. ALMOÇAR E FICAR AQUI MAIS UM DIA, DANDO UM TEMPO, E ARRUMANDO A DESCIDA FINAL.


2o. dia - pela tarde

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO